

UNIVERSIDADE DE UBERABA – UNIUBE
NATÁLIA AFONSO MENDES- 5146514
THAIS AVELINO LEAL – 5146933
VICTOR SERGIO ALVES PEREIRA - 5145343

PERCEPÇÃO DA MORTE NOS DESENHOS INFANTIS

UBERABA – MG
2022

NATÁLIA AFONSO MENDES- 5146514
THAIS AVELINO LEAL – 5146933
VICTOR SERGIO ALVES PEREIRA - 5145343

PERCEPÇÃO DA MORTE NOS DESENHOS INFANTIS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade de Uberaba,
como requisito parcial à obtenção do
título Graduado em Psicologia.

Orientador: Prof.^a: Arthur Afonso
Silva-Sousa

UBERABA – MG
2022

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. METODOLOGIA	6
3. RESULTADOS	8
3.1 Os filmes	8
3.2 ET1 - Influência da cultura na percepção da morte	8
3.3 ET2 – A mudança como forma de lidar com o processo da perda	10
4. CONCLUSÃO	13
5. REFERÊNCIAS	14

1. INTRODUÇÃO

A morte, compreendida por um viés biológico, é interpretada como uma etapa inevitável na vida humana, que por sua vez carrega distintos significados que impactam em sua representação (Combinato; Queiroz, 2006). Partindo da ideia da morte biológica de um indivíduo, as falhas das funções vitais encerram o ciclo da vida e definem onde e quando aquele ser deixou de viver, mas as ressonâncias desse acontecimento não apenas o afetam, podem reverberar naqueles que compunham o seu círculo de referência (Combinato; Queiroz, 2006).

A compreensão da morte passou por um processo histórico ao longo dos séculos, sofrendo constante influência de fatores culturais que modificaram sua interpretação. No século X, a morte estava inserida no lar, sendo assim, os parentes presenciavam de perto os falecimentos, viabilizando despedidas. Já no século XIX, a morte passa a ocorrer nos ambientes hospitalares, sendo veladas dos familiares em uma tentativa de rejeitar o processo da morte, e o luto é encarado de maneira individual pelos familiares (COMBINATO; MARTIN, 2017).

Segundo Kovács (1992, p. 150) "a morte como perda nos fala em primeiro lugar de um vínculo que se rompe, de forma irreversível, sobretudo quando ocorre perda real e concreta". Em alguns casos, o processo de luto pode ser que nunca seja finalizado, pois por ser um processo complexo, pode demorar dias, meses, anos, ou até mesmo até o fim da vida. Afinal, cada vivência e cada relação são únicas e a intersubjetividade é, portanto, a articulação da experiência, tornando-a possível (Merleau-Ponty, 1945/1994; 1969/2002).

De acordo com Freud (1917/2010), o luto é uma vivência normal, específica diante da perda significativa de um objeto. Tais vivências estão conscientes e implicam em um empobrecimento do mundo a partir da falta de seu objeto de investimento libidinal. Desse modo, é possível entender que o sofrimento pode ser inevitável, pois a vida do enlutado pode sofrer alterações irreparáveis, tendendo a ser um processo lento e doloroso

e evoca nesse indivíduo sentimentos como uma tristeza profunda e a desesperança na procura por um novo objeto de amor.

Freud também diz que não necessariamente a morte daquele ente que evoca a dor é a perda desse objeto e a falta que a morte pode lhe acarretar. Nesse sentido, a energia psíquica utilizada como investimento naquele objeto afetuoso tende a ser direcionada à dor daquele momento, sobrecarregando o ego e criando uma certa devoção ao processo de luto. Para alívio desses sintomas ou até mesmo a elaboração, o ego precisa ser esvaziado dessa energia transferida (CAVALCANTI; SAMCZUK; BONFIM, 2013).

Ainda acerca da temática do luto, na cultura ocidental é muito comum que o indivíduo enlutado assuma uma postura falsa de força e acaba reprimindo esses sentimentos que devem ser vividos ao não falar sobre esse assunto (BARBOSA; FRANCISCO; EFKEN, 2008). Segundo Barbosa, et al. (2008), a vida e a morte estão respectivamente presentes no começo e no fim da existência humana e fomos ensinados a não falar sobre tal assunto. Porém quando citado, o assunto gera espanto e desconforto, deixando-nos numa posição de nascer para morrer e morrer para viver. Porém, as produções animadas cinematográficas vêm contribuindo para as discussões do tema e jogando luz à aquilo que deve ser dito.

Como grande contribuinte, as animações permitem um estabelecimento de conversas mais diretas e com uma carga emocional mais leve acerca do luto. Isso só é possível pois essas produções fazem uma ligação direta entre a jornada que os personagens vivem e a forma em que os sentimentos do luto agem no comportamento e na vida de quem está passando por um processo de luto. Essas representações entram em campos lúdicos em que o espectador poderá relacionar a perda a algo natural da vida, podendo assim ressignificar todo o tabu envolto ao tema (NETO; et al, 2022).

Diante do apresentado, este estudo tem como objetivo evidenciar as diferentes facetas do luto e a forma em que ele é vivido e representado nas animações infantis, tomando como conteúdo a ser analisado as animações Viva! A vida é uma Festa (2017) e Up – Altas Aventuras.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um estudo com a metodologia na análise qualitativa que consiste em entender, descrever e explicar os fenômenos sociais de modos diferentes: analisando experiências de indivíduos ou grupos, examinando interações e comunicações que estejam se desenvolvendo e investigando documentos (textos, imagens, filmes ou músicas) ou traços semelhantes de experiências e integrações (Flick, 2009).

Para a realização deste estudo, foram utilizados dois filmes: *Up - Altas Aventuras* (2009) e *Viva - A Vida é uma Festa* (2017), ambos produzidos pela Pixar, em conjunto com Walt Disney. Foram selecionados artigos científicos que se relacionaram com o tema, sendo buscado nos periódicos *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *Periódicos Eletrônicos em Psicologia* (PePSIC). Por fim, para sintetizar as informações coletadas e relacioná-las com os filmes, os resultados foram divididos em dois eixos temáticos, sendo eles “influência da cultura na percepção da morte” e “A mudança como forma de lidar com o processo da perda”.

3. RESULTADOS

Os resultados encontrados por meio das análises dos filmes, são apresentados por meio dos Eixos Temáticos – ET, e dos objetos geradores das reflexões a serem pensadas referentes a eles com base no enfrentamento da morte: ET1 - Influência da cultura na percepção da morte e ET2 - O luto como uma perda

3.1 Os filmes

Viva - A vida é uma festa (2017), conta a história de Miguel, um menino mexicano de 12 anos, que sonha em ser cantor. Contudo, sua família não aceita a música em casa, algo que foi passado desde sua tataravó Mama Imelda após ter sido abandonada pelo marido que foi embora para se tornar um músico e nunca voltou, sendo assim, ela teve que criar a filha sozinha e começou a fabricar sapatos. Miguel decidiu aprender a tocar violão sozinho e escondido. A animação aborda a temática do luto de uma forma suave baseado na cultura mexicana que comemora o dia dos mortos, a história se desenvolve com o personagem após ir para o mundo dos mortos tentando voltar para sua família (Adoro Cinema, 2018).

Up Altas Aventuras (2009), tem como protagonista Carl, um idoso de 78 anos, vendedor de balões e viúvo. Após ser intimado pelo juiz e considerado ameaça pública por bater com a bengala em um homem, ele então é destinado a viver em um asilo, para que isso não acontecesse, ele decidiu encher sua casa de balões e ir viajar para a América do Sul, local onde sempre sonhou em visitar com sua esposa Ellie antes do seu falecimento. Quando a casa começou a decolar, Carl descobriu que um menino de 8 anos chamado Russell e um cachorro estavam em sua casa. O restante do filme é mostrando suas aventuras até chegar ao local e suas descobertas em sua região (Adoro Cinema, 2009).

3.2 ET1 - Influência da cultura na percepção da morte

A cultura é responsável pela compreensão e interpretação que as sociedades adquirem em relação à morte, podendo ser relacionado desde sentimento de tristeza, raiva e sofrimento, até alívio e descanso variando de acordo com o meio em que o sujeito esteja

inserido. Os costumes de um local são culturalmente perpassados pelos seus integrantes e exalam suas características principalmente em seus rituais, como por exemplo a morte (NASCIMENTO; et al., 2022), questão que pode apresentar diversas perspectivas a seu respeito impactando na interpretação.

A animação *Viva - A vida é uma festa* (2017) retrata como a cultura mexicana lida com a morte de uma forma mais leve, se comparada com outras culturas, onde o assunto ainda é tabu. Michel Foucault (1978) afirma que a morte representa o fim da individualidade atrelados ao consumismo. O que, por conseguinte, provoca medo, afetando de forma profunda a existência do sujeito. Bauman (2007), compreende o medo como um demônio que se fortalece a partir das inseguranças tornando a pessoa impotente diante das adversidades.

No México é comemorado o Dia dos Mortos por meio de celebrações, esses momentos proporcionam aos familiares interações e união para recordar a vida do falecido, preparam comidas e colocam nos túmulos. De acordo com Jimena Gómez-Gutiérrez (2011) essa cerimônia contribui para o enfrentamento da dor por se tratar de uma data comemorativa que fortalece a união entre os familiares (TREVISAN, 2017), principalmente devido aos rituais visando como objetivo memorar a pessoa morta. Sendo assim, essa diferença cultural evidencia como a morte é encarada de uma forma mais leve contribuindo para o enfrentamento da dor diante dessa perda.

A avó de Miguel, Elena, diz sobre o dia dos mortos que (00:09:57) “tem bastante comida e tudo mais que gostavam em vida, tudo isso só pra deixar a família unida”, no diálogo Elena está transferindo culturalmente para o neto a importância do ritual para estarem próximos dos familiares fortalecendo o vínculo.

Já em *Up – Altas Aventuras* (2009) uma história que se passa nos Estados Unidos da América, uma cultura que não possui tanto contato com a temática é possível identificar que o assunto da morte não é mencionado, pois, apesar do personagem principal estar vivenciando o luto ele não cita sobre sua falecida esposa Ellie, o que pode por consequência dificultar o processo de elaboração do luto, ele apenas sente e expressa sua saudade recordando momentos com fotos (00:19:35) e chorando sozinho (01:11:16), falar sobre a perda diretamente relaciona com a perda de um vínculo, e de uma parte do próprio indivíduo que se foi (COMBINATO; QUEIROZ, 2006), a partir disso, é

compreendido se tratar de algo mórbido que não deve ser dito em uma tentativa de se distanciar da dor.

Kierkegaard (1961), ressalta que os seres humanos tendem a desesperar diante do paradoxo da finitude e desenvolver uma necessidade por aquilo que é eterno, isso se dá, pois, a mortalidade pode provocar desesperança no futuro limitando as possibilidades a respeito de planos e projetos que almejam (RODRIGUES; COELHO; SILVA, 2021). Sendo assim, o sujeito se resume às realidades e angústias da vida terrena deixando de fantasiar seus sonhos e buscando assim viver com foco apenas no que é concreto.

Diante disso, há bastante rejeição no que diz respeito ao diálogo sobre o tema, o que torna um processo solitário, isto porque as pessoas evitam entrar em contato com a temática e tudo aquilo que está atrelado a ela como a dor e o sofrimento (NASCIMENTO; et al., 2022), Carl de *Up – Altas aventuras* (2009) constantemente evita falar sobre o ocorrido, essa falta de espaço para a discussão inviabiliza as expressões dos sentimentos envolvidos e dificulta a elaboração do assunto. Contudo, em *Viva - A vida é uma festa* (2017) na cena (01:33:00) Miguel está apresentando a foto dos parentes falecidos para a irmã mais nova e afirma “...não se trata só de pessoas, são sua família, eles contam com a gente pra lembrar deles” em seguida sua avó coloca a foto de mama Inês que falece ao longo da história e Miguel dá um abraço nela expressando carinho.

Esta cena mostra como a morte é tratada de uma forma natural, tendo em vista que Miguel é um menino de apenas 12 anos. Além disso, em um outro diálogo (00:29:20) Imelda diz “nós não falamos daquele músico, ele está morto pra essa família” e Miguel responde “todo mundo tá morto” a fala de Miguel consolida como a cultura interfere na compreensão dele da morte na fase natural por não se referir a morte do tataravô com receio em falar sobre o assunto.

Em contrapartida, no filme *Up Altas Aventuras* (2009) nos deparamos com um cenário e ambientação totalmente diferente de *Viva - A vida é uma festa* (2017). No filme, inicialmente, nos é apresentado uma casa cheia de cores e vida, onde Ellie e Carl prosperam e fazem planos. Porém a partir do momento que Ellie vem a falecer tudo isso muda, os filtros utilizados nas cores do filme passam a ser mais azulados e frios, os móveis ficam sujos e empoeirados e Carl assume expressões de descontentamento. De acordo com Bueno e Zanella (2022) as mudanças de cor nesses filtros servem para nos

evocar os sentimentos certos que aquela determinada cena deseja transmitir, sendo assim os filtros do filme citados passam a ser azulados e frios, na intenção de nos passar uma ideia de melancolia, tristeza e depressão (BUENO; ZANELLA, 2022).

Tal fato apresentado nos auxilia a fazer um grande comparativo nos diferentes costumes na hora de se enfrentar a morte. Em grande parte dos continentes americanos a morte é vista como o fim irreversível, o encerramento de um ciclo e até mesmo a representação de uma falha, sendo assim o luto é vivenciado com um certo grau de melancolia, onde todo tipo de expressão de alívio – independente da motivação desse sentimento – é muitas vezes julgada e o indivíduo que expressa é reprimido e jogado nesse ciclo de tristeza (COMBINATO; QUEIROZ, 2006).

3.3 ET2 – A mudança como forma de lidar com o processo da perda.

Analisando as duas produções escolhidas para estudo e atribuindo ao que foi pesquisado, foi possível perceber que nos diferentes sentimentos evocados na pessoa enlutada um quesito é comum: o sentimento de perda e a mudança acarretada por ele. Em *Up Altas Aventuras* (2009) é apresentado logo no início do filme que Carl é fã das aventuras de Charles Muntz, um grande explorador de sua época.

A partir disso a animação nos apresenta uma ideia de que Carl, apesar de tímido, tem um grande espírito de aventura e que gosta dessa temática. Justamente por conta desse espírito aventureiro, Carl conhece sua futura esposa Ellie, outra amante de aventuras. Mesmo após o falecimento de seu primeiro filho, o casal não abandona as aventuras e, talvez como uma forma de enfrentar essa perda, aos (00:08:59) minutos de filme Carl mostra para Ellie seu antigo livro de aventuras e eles começam a juntar dinheiro para viajar ao paraíso das cachoeiras.

Porém, quando Ellie vem a óbito, Carl perde toda essa paixão e acaba se tornando uma pessoa reclusa. Isto é exemplificado quando aos (00:13:07) minutos a porta de sua casa é fechada por várias trancas e até mesmo uma corrente de contenção. Essa atitude pode ser compreendida como um processo adaptativo do luto, que, segundo Gillies e Niemeyer (2006), possibilita ao indivíduo mudanças em sua identidade diante da nova realidade buscando ressignificar, visto que essa perda carrega impactos que demandam do indivíduo capacidades adaptativas para lidar com as mudanças (LUNA, 2020).

Segundo Luna (2020), a perda do cônjuge implica em sentimentos de abandono e na quebra dos sonhos que o casal possuía. Quando Russel entra pela primeira vez na casa de Carl e pega o desenho do paraíso das cachoeiras, lugar em que sua esposa sonhava em morar desde sua infância, Carl diz aos 25:24 “tira a mão daí, vai sujar”, tal fala pode representar o medo de não conseguir realizar o sonho que havia planejado juntamente com Ellie.

O luto abrange desde perdas reais até as simbólicas atingindo assim os fatores físicos e psíquicos que englobam o indivíduo. De acordo com Freud (1915) esse luto é caracterizado como um processo que leva tempo e causa dor no indivíduo assegurando que não tenha interesse em qualquer coisa que não seja o objeto perdido (CAVALCANTI; SAMCZUK; BONFIM, 2013). Em *Up - Altas Aventuras* (2009), Carl busca estar próximo de tudo aquilo que propicia recordações de sua falecida esposa.

Isso pode ser exemplificado na cena aos (00:26:28) minutos em que o céu começa a ficar nublado e eles passam por uma turbulência fazendo com que as coisas da casa comecem a cair e sair dos lugares, ele então deixa de lado o controle da direção e começa a reunir todos os móveis. Ao acordar no dia seguinte, Russel diz a Carl aos (00:28:27) “Depois que amarrou as suas coisas, o senhor tirou uma soneca, ai eu fui lá e trouxe a gente até aqui”, isso mostra como Carl se preocupou apenas em preservar tudo aquilo que remete sua amada em uma tentativa de mantê-la simbolicamente próximo de si.

Em *Viva – A Vida é uma Festa* (2017) também há mudanças a partir da perda, sendo assim, Mama Imelda procura, por meio da fabricação de sapatos, restabelecer sua família, transmitindo que a música é um castigo e separa a família. É possível entender que esse sentimento de inconformidade venha atrelado a outras questões, mas, de um modo geral, percebe-se que não é o medo da morte propriamente que se tem, mas é do sofrimento físico e emocional decorrente dela: medo de dor, de incapacidade física, de ausência de liberdade, de incompreensão e, principalmente, da solidão.

No início do filme, enquanto Miguel está contando sobre a história de sua bisavó, ele diz “a música destruiu sua família, mas os sapatos reconstruíram” (00:02’44”). É interessante observar como a música foi associada ao marido que foi embora para se tornar um músico e como Mamá Imelda escolhe começar seu próprio negócio fabricando

sapatos como uma forma de lidar com o luto de sua perda que afetou sua vida desde o financeiro, até o afetivo.

Por fim, segundo Sousa (2016), esse movimento de evitar e se afastar das características ligadas a perda do ente querido é comum e é uma forma de se proteger e evitar de se lidar com as demandas emocionais que tal evento gera. Porém, acaba não sendo um movimento saudável na elaboração do luto, pois, posteriormente essas demandas podem ser enfrentadas de forma disfuncional, gerando sintomas não aparentes daquilo que foi reprimido anteriormente. No filme, as consequências desse afastamento ficam explícitas quando Imelda reencontra Héctor no mundo dos mortos e diz (01:17:43) “Você me deixa sozinha com uma criança pra criar e eu devo simplesmente te perdoar?”, expondo o seu sentimento de abandono de forma agressiva (SOUSA, 2016).

4. CONCLUSÃO

Pode-se perceber que, os filmes infantis da Disney trazem em si certas provocações em relação ao tema de luto e o processo de perda atrelado a morte. Esses filmes fazem perceber como a ressignificação é algo muito ligado a subjetividade da pessoa e que por vários motivos, cada uma lida de uma maneira diferente.

Todo o processo de enfrentamento da perda de alguém envolve uma série de fatores, como o motivo que aconteceu, quais papéis eram desempenhados, como era a relação, entre outras questões. Desse modo, conseguimos perceber como as relações em vida influenciam no modo como as pessoas lidam com o luto. No filme Viva, por exemplo, apesar da cultura mexicana favorecer o contato com a morte por meio das celebrações dos dias dos mortos, ainda assim, não comemoraram a data para Hector, pois o modo como ele deixou sua família provocou marcas muito fortes que perpetuou por gerações.

No filme Up – Altas Aventuras, foi possível notar como Carl ficou triste pela perda de sua esposa se isolando em casa, afinal, foram anos de relação conjugal do qual vivenciaram coisas muito peculiares como a perda do filho e as dificuldades financeiras, sendo assim, a morte de Ellie provocou mudanças internas e externas na vida dele. Além disso, é possível perceber que a cultura limita Carl a reconhecer e se permitir sentir suas emoções e sentimentos acerca da perda, sendo assim, as frustrações que surgem com essas limitações diz respeito a falta de elaboração do luto derivada de uma cultura repleta de tabus que visualiza a temática com morbidez, ocasionando em um luto com desconforto e de modo solitário. Assim, a cultura acaba sendo responsável por possibilitar diálogos e reflexões de uma forma natural sobre a morte e aquilo que deriva dela como o luto e a perda.

Concluimos assim, que os filmes reproduzem, com certa verdade, a realidade em relação ao processo de luto. Não existe fórmula exata de se sentir, ou de vivenciar algo, como tudo na vida, esse processo é mais complexo do que possa parecer. Sendo assim, é importante cultivar essas boas lembranças e fazer com que a pessoa enlutada acredite que a vida dela não acaba ali, pelo contrário, ali nasce uma nova versão que ela mesma ainda desconhece.

5. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Leopoldo Nelson Fernandes; FRANCISCO, Ana Lúcia; EFKEN, Karl Heinz. Morte e vida: a dialética humana. *Aletheia*, Canoas, n. 28, p. 32-44, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942008000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 12 out. 2022.

BAUMAN, Z. (2007). *Tempos líquidos* (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

BUENO, Gabriel e ZANELLA, Andréa Vieira Imagem, cinema e psicologia: compondo aproximações entre arte e ciência. *Psicologia USP* [online]. 2022, v. 33 [Acessado 3 Novembro 2022], e200101. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-6564e200101>>. Epub 30 Nov 2021. ISSN 1678-5177. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200101>.

CAVALCANTI*, Andressa Katherine Santos; SAMCZUK*, Milena Lieto; BONFIM**, Tânia Elena. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. *Psicol inf.*, São Paulo, v. 17, n. 17, p. 87-105, dez. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092013000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 out. 2022.

COMBINATO, Denise Stefanoni; MARTIN, Sueli Terezinha Ferrero. Necessidades da vida na morte* * Artigo derivado de: Combinato DS. Cuidados no final da vida: análise do processo de trabalho na Atenção Primária [tese]. Botucatu-SP: Faculdade de Medicina de Botucatu; 2011. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* [online]. 2017, v. 21, n. 63. [Acessado 13 Outubro 2022], pp. 869-880. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0649>>. Epub 03 Abr 2017. ISSN 1807-5762. <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0649>.

COMBINATO, Denise Stefanoni e QUEIROZ, Marcos de Souza Morte: uma visão psicossocial. *Estudos de Psicologia (Natal)* [online]. 2006, v. 11, n. 2 [Acessado 3 Novembro 2022], pp. 209-216. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200010>>. Epub 26 Mar 2007. ISSN 1678-4669. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200010>.

FIorentini, D. Investigação em Educação Matemática desde a perspectiva acadêmica e profissional: desafios e possibilidades de aproximação. ANAIS do XIII Conferência Interamericana de Educação Matemática, CIAEM, 2011.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, M. *Naissance de la clinique*. Paris: PUF, 1978.

MATHEUS, M. C.C. Metassíntese qualitativa: desenvolvimento e contribuições para a prática baseada em evidências. *Acta Paul Enferm*, p. 138, 2009.

NASCIMENTO, Lilian Ferreira do et al. Compreensão da Morte e do Morrer: Um Estudo com Residentes. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online]. 2022, v. 42 [Acessado 13 Outubro 2022], e233879. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003233879>>. Epub 19 Jan 2022. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003233879>.

NETO, O. M. de S. N.; AGRA, G.; NAGASHIMA, A. M. S.; PASCOAL, F. F. da S.; GAUDÊNCIO, E. de O. Animações infantis e morte: um estudo documental / Children's animations and death: a documental study. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v. 8, n. 6, p. 46564–46584, 2022. DOI: 10.34117/bjdv8n6-258. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/49423>. Acesso em: 13 sep. 2022.

RODRIGUES, Joelson Tavares; COELHO, David Richer Araujo; SILVA, Pedro Amorim. O Mal-estar na Cultura do Trabalho: Uma Perspectiva Existencial. *Physis: Revista de Saúde Coletiva* [online]. 2021, v. 31, n. 04 [Acessado 13 Outubro 2022], e310421. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310421>>. Epub 06 Dez 2021. ISSN 1809-4481. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310421>.

RODRIGUES, José Carlos. A morte como um tabu. **Com Ciência**, Campinas, n.163, nov. 2014. Disponível em <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542014000900007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 out. 2022.

TREVISAN, Mauro. Representações sociais da elaboração do luto e de suas dificuldades por parte de filhos e filhas que perderam os pais. 2017. 189 fl. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2017.

VOSGERAU; ROMANOWSKI. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, jan.-abr. 2014.

ZAGUETTO, Ana Paula; QUITERIO, Janaína. A arte de festejar e ritualizar a morte. **ComCiência**, Campinas, n. 163, nov. 2014. Disponível em <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542014000900004&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 08 out. 2022.